

O eleito

Aos dez anos, um acaso levou Telmo Moreira à Escola de Dança do Conservatório Nacional. Aos 16, e após ter ganhado o Prix de Lausanne e o Youth American Grand Prix, está de partida para a maior escola de dança do mundo, em S. Petesburgo, Rússia

Texto de Raquel Carrilho Fotografias de José Santos

MIGUEL sobe a rua de mão entrelaçada na da mãe, sorriso malandro. Tem dez anos e prepara-se para a primeira audição na Escola de Dança do Conservatório Nacional (EDCN). De dança nada sabe. A mãe, Andreia, entendeu que o filho tinha «uma personalidade artística e precisava de uma escola menos formal». Como o miúdo ficou entusiasmado com a ideia, resolveu experimentar. Miguel e outros quatro rapazes enfren-

tam o júri com os rostos marcados pelo pânico, as pernas trémulas e os corações prestes a rasgar as *t-shirts* de algodão branco.

Telmo Moreira ainda se lembra bem deste dia. Também veio com a mãe, à descoberta desta casa da dança «onde tudo era tão diferente». Seis anos depois, Telmo tem no currículo o Prix de Lausanne, o Youth American Grand Prix e está de malas prontas para a Academia Vaganova, em São Petersburgo. Para Pe-

dro Carneiro, ex-bailarino, professor de dança clássica e vice-presidente da EDCN, Telmo «tem todas as condições para triunfar».

Lágrimas de nervos

Telmo também tinha dez anos quando cruzou a estreita porta da escola. Lembra-se bem da sua audição. Dos nervos, de não conhecer nada nem ninguém. «Nunca tinha visto um bailado». A única experiência de Telmo era com o grupo de danças →





africanas Batoto Yetu, para onde foi aos oito anos, por influência de uma prima. Mas esses ritmos corriam-lhe no sangue, ou não fosse filho de angolanos.

Desde pequeno que Telmo fazia participações em novelas, como *Anjo Selvagem* e *SOS Crianças*, publicidades como a Sunquick, catálogos de roupa e dobragens para a Disney. Estava inscrito numa agência de modelos – a Putos & Companhia – e cedo conheceu o significado da palavra *casting*. Num deles, repararam no jeito para a dança e sugeriram à mãe, Leide Gomes, uma cabeleireira de 45 anos, que inscrevesse o filho no Conservatório. «Em tempos sonhei ter uma filha para que pudesse ser bailarina e, quando senti que o meu filho podia ter jeito para a dança, incentivei-o, sem nun-

ca o obrigar». A mãe inscreveu Telmo e, umas semanas mais tarde, lá foi com o filho até à EDCN. «Ele estava descontraído, porque nem sabia o que ia fazer. Mas saiu da sala a chorar e a dizer que nunca ia entrar naquela escola porque não sabia *ballet* e tinha copiado os outros colegas». Nem a mãe sabe explicar como é que o miúdo, que nem sabia o que era *ballet*, sai da sala de audições profundamente triste com o sentimento de não ter sido bem-sucedido. «Sei que ele gostou muito da escola, que tem um ar de castelo, mas hou-rve mais qualquer coisa que despertou no Telmo. Ele queria entrar ali e chorava como nunca o tinha visto». Os mimos da mãe acalmaram o pequeno em sobressalto e, no dia seguinte, estavam de regresso à escola para saber o resultado. «Ele só me

disse 'mãe, se o meu nome estiver vermelho pisa-me; se não, aperta-me a mão'. Na pauta, em frente ao nome Telmo Moreira vinha apenas uma palavra – Admitido. «Os olhos dele saltaram e eu desfiz-me em lágrimas. Aquele era o lugar dele».

Perdido nos corredores

Em casa aguardava um pai e marido que nada sabia e que esperava que, dentro de semanas, o filho começasse aulas na escola de Paço de Arcos. Hélder Moreira, de 43 anos, funcionário das Linhas Aéreas de Angola, até achou giro que o filho integrasse os Batoto Yetu, «algo que fazia parte da sua cultura e que o impedia de fazer asneiras». Mas quando soube desta aventura na EDCN, ficou «céptico», especialmente porque «os rapazes que dançam ainda são mal vis-

tos, sobretudo num sítio como aquele em que vivemos, o bairro do Alto da Loba, em Paço de Arcos». A mãe revela que houve mesmo uma «discussão monumental». Mas não foi preciso muito para que o pai percebesse o entusiasmo do pequenito. «Só o podia apoiar».

Em meados de Setembro de 2001, Telmo começou a frequentar a EDCN. Os primeiros tempos não fo-

ram fáceis. «Não conhecia ninguém e estava sempre a perder-me nos corredores da escola». Encontrava consolo nos amigos dos Batoto Yetu. Ainda hoje, sempre que a escola permite, escapa-se até lá, onde o sangue fala mais alto.

Sardinhas com piano

O tempo ainda é de Santos Populares e o cheiro a sardinha assada anda →



Telmo saiu da sala de audições a chorar e a dizer que nunca ia entrar naquela escola porque não sabia *ballet*

O sonho de ser bailarino chocou com o cepticismo inicial do pai de Telmo, que temia que o filho fosse mal visto no bairro. Mas, perante o entusiasmo do rapaz, o pai só o podia apoiar